

Coração Sonoro – Afetos e Interações Maquínicas no King Festival¹

Thiago Tavares das NEVES²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

Os afetos, as máquinas e as interações funcionam aqui como operadores conceituais para entender as dimensões sociais, culturais e filosóficas das festas de música eletrônica. O objetivo deste trabalho é entender como as trocas afetivas se dão em contexto social, como se expressam, como são vividas no festival de música eletrônica King Festival realizado na cidade de Recife em novembro de 2013. O trabalho conta com observação etnográfica participante no local e auto registro de depoimentos gravados *in loco*.

Palavras-chave: afeto; interação; máquina; festas de música eletrônica; king festival.

Texto do Trabalho

Os afetos edificam a base da sociedade e da cultura, pois ambas se fundam a partir da relação com o outro e não existe alteridade sem a mediação dos afetos. O corpo humano para se manter e se regenerar tem necessidade de afetar e ser afetado por corpos exteriores ao dele. As relações humanas não seriam possíveis sem os afetos. As trocas, os vínculos, os amores, os desamores, as amizades, os rompimentos, as paixões, os conflitos, as intrigas, as comunicações, as associações e a própria construção do conhecimento seriam inimagináveis. A festa, por exemplo, como pensar uma celebração festiva sem afeto, sem sentimento, sem emoção, sem comunhão entre os participantes?

Spinoza foi escolhido como principal aporte teórico para o entendimento do que são os afetos. Para Spinoza, os afetos são as afecções do corpo, uma ação, uma potência de agir que pode ser aumentada ou diminuída, e essa ação pode ser de um corpo sobre o outro ou de um objeto sobre um corpo. Pensar os afetos sob a ótica spinozista é entender como se forma a própria sociedade, dentro de um jogo de afetabilidade em que uns afetam os outros, modificando a si mesmos e aos outros depois de afetar ou serem afetados. O afeto é o alicerce da existência. As relações, incluindo as mais racionais, são fundadas em base afetiva, e as festas de forma geral não escapam dessa lógica.

Vários autores da sociologia, da antropologia, da linguística, da filosofia se debruçaram sobre o estudo das festas. A festa, assim como o afeto, é uma categoria estruturante da civilização humana, é expressão da cultura e da sociedade de um

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Ciências Sociais da UFRN, e-mail: nevesthiago1@hotmail.com

determinado povo. Ela pode empobrecer-se, algumas vezes até degenerar, mas não pode apagar-se totalmente. (BAKHTIN, 1993). O mundo é repleto de festas e rituais desde a pré-história. As festas evocam o retorno de emoções e sentimentos já esquecidos, a busca de um prazer que liberte das correntes existenciais e elimine o sentimento de solidão, proporcionando sentido à vida. Por meio das celebrações festivas, o ser humano consegue estreitar os laços com o outro, construindo uma sociabilidade de base, que também por meio da partilha de sentimentos, edifica o cimento societal. (MAFFESOLI, 2006).

Edgar Morin, ao propor uma reforma da vida, sugere como uma das vias o divertimento, pois propicia prazer e faz com que a distração permita o sujeito focar no que é mais importante:

A reforma da vida traduziria uma aspiração aos estados de segunda ordem que encontramos em todas as emoções estéticas e lúdicas, em todos os entusiasmos, em todas as exaltações, em todos os ardores amorosos e festivos que nos aproximam do êxtase. São esses estados de segunda ordem, plenos de intensidade poética que dão a verdadeira sensação da vida. É neles que nos perdemos para nos reencontrar, que no reencontramos nos perdendo. O êxtase constitui o estado-limite benfazejo, ao qual nos conduz o estado de segunda ordem, que, então, se torna o primeiro. (MORIN, p. 343, 2013).

A festa é o lugar do possível e do desafio, ela inventa, cria, gesta, imagina outras relações do homem com o mundo, sobretudo outras relações consigo próprio, outras formas de ligar, de interagir, de criar vínculos. Etimologicamente vínculo vem do latim *vinculum* que significa laço, liame, algemas, prisão. A definição de vínculo foi se alterando com o tempo, de um significado fechado e concreto a uma acepção mais aberta, para ligação, elo, relação. Freud compreendia o vínculo como ligação, um conjunto de laços associativos que mantém a pulsão da vida. Vincular significa ter ou criar um elo simbólico ou material. Formar um espaço (ou um território) comum, o alicerce primeiro para a comunicação. (BAITELLO, 1997).

As festas podem gerar não só vínculos sociais ou comunicativos, mas interações das pessoas entre si e com as máquinas, as festas de música eletrônica são um exemplo, em que algumas pessoas só frequentam algumas festas por causa de determinado tipo de música. Nesse tipo de festa há interações sociais e sonoras.

O universo desse tipo de festa engloba diversos eventos: as *raves* comerciais, *underground* e em lugares abertos em contato com a natureza. As comerciais geralmente têm grande divulgação na mídia. São realizadas em arenas, estádios ou locais para *shows*,

trazendo *dj's*³ conhecidos mundialmente. Há também as do tipo *underground*, em que a divulgação geralmente é pouca, comumente realizada de forma oral, acontece em lugares abandonados, e os frequentadores habitualmente já se conhecem entre si. Outro tipo de festa de música eletrônica são as *raves* em lugares abertos: praias, sítios, granjas, cujo intuito é de destacar o contato com a natureza.

É importante ressaltar as festas de música eletrônica que acontecem em casas-noturnas (clubes e bares). Clubes e bares também são relevantes no contexto desse tipo de festa, porém não são *raves* em *stricto sensu*. Algumas vezes, o espaço é reservado para *raves* mensais ou a *rave* acontece apenas uma vez naquele clube. Tudo isso negociado com os *promoters* da casa. O *promoter* é responsável pela seleção dos *dj's*, feita com base no público que deseja atingir e no estilo de música a ser tocado no lugar. Em alguns casos, cabe a ele também distribuir *flyers*, ajudar na iluminação e na decoração do ambiente. As diferenças das *raves* para festas em clubes, de acordo com os frequentadores, incluem o horário que na maioria das vezes não dura muito tempo nas casas-noturnas (5 a 7 horas de duração), enquanto nas *raves* o tempo é bem maior, algumas *raves* chegam a durar 12 a 24 horas. Outra diferença é a venda exclusiva de álcool e a proibição da venda de outras drogas consideradas ilícitas. É relevante ressaltar que a cena *rave* começou em clubes. Eles fazem parte da história. (SYLVAN, 2005).

O termo *rave* surgiu a partir da mídia inglesa quando as pessoas se referiam a uma festa espetacular de grande porte. A música tocada é a eletrônica. Geralmente tocada em um volume alto, cabendo ao *dj* guiar a vibração dos dançantes, pois é ele o grande condutor da emoção entre os presentes, no momento em que ele coloca uma música, afeta de alguma forma o corpo dos participantes, alterando o estado emocional. Outro tipo de festa de música eletrônica são os festivais. Boa parte das vezes, duram mais de um dia, com grande produção e atraindo uma multidão. Pode-se citar como exemplo o festival de música eletrônica Universo Paralello, que acontece no final do ano no sul da Bahia. O evento tem duração de sete dias, com um público em torno de dez mil pessoas acampando em contato com a natureza. O local comporta praça da alimentação, palestras, várias tendas eletrônicas,

³ *Dee Jay* ou *dj* (*disk jockey*) é o artista da festa, o que controla a *vibe* (energia) dos dançantes. Ele mixa (mistura), a batida de duas ou mais músicas na mesma velocidade, nas mesmas bpm (batidas por minuto). A figura do *dj* remonta à época dos músicos de Jazz dos anos 50, na qual os fãs se reuniam num clube para escutar os lançamentos e dançar. Era o fã que durante o intervalo dos *shows* mostrava as músicas, para manter a vibração da galera. Nos dias atuais, existem três tipos de *dj's*: o *dj* móvel (móvel), o rádio *dj* (opera nas estações de rádios) e o *club dj* (*dj* oficial, “residente”, fixo de um clube). Dados extraídos do texto “Sobre a cultura da música eletrônica e cibercultura” de Cláudio Manoel Duarte de Souza, retirado do site <http://www.pragatecno.com.br>. Visitado no dia 7 de janeiro de 2009.

exibição de filmes, performances circenses, teatrais, aulas de yoga, dentre outras atrações. (NEVES, 2010).

As drogas nessas festas atuam como potencializadoras dos afetos. Apesar do consumo ser ilegal, o uso é frequente. Alguns consumidores levam a droga de casa, outros compram na festa, e por ser proibido, o uso é feito em lugares escuros ou dentro de banheiros para que o usuário não seja visto utilizando.

A música eletrônica atrelada às condições subjetivas emocionais, ao gosto, ao local onde é escutada, à atmosfera do ambiente, pode conduzir ao êxtase; e unida a outros aditivos químicos como a maconha, o LSD⁴, a ketamina ou *special K*⁵, entre outros, ajuda no desenvolvimento da sociabilidade em algumas situações. O *ecstasy*, por exemplo, aumenta a sensação de bem-estar no usuário, a empatia, e por consequência a aproximação do outro, podendo gerar sociabilidade. Há momentos em que as drogas distanciam o indivíduo da realidade, aumentando a possibilidade da incomunicabilidade entre os participantes e da não-sociabilidade.

A droga mais utilizada nesse tipo de festa e fonte de êxtase é o *ecstasy*, cientificamente denominado de metilenodioximetanfetamina (MDMA), mais conhecido popularmente como “E” ou “bala”. O MDMA afeta o corpo fisicamente, psicologicamente e socialmente. Depois de digerido, o *ecstasy* penetra na corrente sanguínea que o conduz para todas as partes do corpo. Parte atinge o cérebro, onde a serotonina e a dopamina são liberadas. Essas duas substâncias são chamadas de neurotransmissores, pois controlam a transmissão de mensagens entre os neurônios provocando alterações no humor. (SAUNDERS, 1996).

O MDMA gera um efeito singular entre as drogas recreativas: a empatia, que produz prazer aumentando a capacidade de comunicação. Essa característica faz da substância uma droga adequada para experiências em grupo. A sensação de quem usa é geralmente equiparável à de estar apaixonado, os usuários sentem-se relaxados, felizes, menos tímidos e mais afetuosos, e o *ecstasy* também estimula as pessoas a trocarem o isolamento pelo contato e a intimidade física com os outros, uma vez que potencializa o sentido do tato.

⁴ Droga usada durante os anos 1960, no auge do movimento psicodélico. Em meados dos anos 1990 passou a incorporar as festas *raves* em lugares abertos em que geralmente o som tocado é o *psytrance*. Conhecida cientificamente como dietilamida do ácido lisérgico, de poder alucinógeno. Os efeitos no organismo duram de oito a doze horas, provocando ilusões, grande sensibilidade sensorial, sinestias, paranóias, experiências místicas, alteração da noção temporal e espacial, sentimento de bem-estar, perda do controle emocional, experiências de êxtase, etc. O LSD não provoca dependência física. (Fritz, 1999).

⁵ Conhecida cientificamente como cloridrato de cetamina. Usado em cirurgias veterinárias como anestésico. Seus efeitos duram de trinta a quarenta e cinco minutos, provocando desde um estado de leve embriaguez, até a sensação de desprendimento da alma em relação ao corpo. É extremamente perigoso misturar ketamina com antidepressivos, inclusive o álcool. (Fritz, 1999).

Também pode oferecer uma diminuição significativa nas estruturas de defesa emocional de cada um, ao promover a abertura ao outro e maior sociabilidade entre os participantes. As pessoas que usam *ecstasy* aumentam a capacidade de interação social, incremento da habilidade para abordar e se relacionar com estranhos e uma melhora na capacidade de expressar os afetos. (SAUNDERS, 1996.). Quando várias pessoas tomam *ecstasy* juntos é o bem-estar que comanda o corpo, o sujeito é afetado pela alegria e o corpo é bombardeado de afetos novos e já conhecidos.

Spinoza e os afetos

Os afetos são modos de pensar, de conhecer, são a razão de ser do homem e podem ser compreendidos como sentimentos ou como emoções. O afeto move o sujeito, é a própria essência do homem que de forma recursiva, afeta a realidade e é afetado por ela. Para Spinoza⁶ (2010), o ser humano não consegue viver livre dos afetos, a sua vontade não é livre, há uma relação de dependência entre o indivíduo e os afetos. Não se pode ir contra a natureza humana. Por exemplo, se um sujeito quer parar de usar drogas, tem que atacar as motivações, esses afetos que os levam ao vício.

Spinoza já falava a respeito dos afetos (*affectus*) como ação de afetar, compreendia-os como afecções (*affectio*) do corpo e as ideias dessas afecções. As afecções são imagens ou marcas corporais que remetem a um estado do corpo afetado e implica a presença do corpo afetante (o corpo que afeta). São as marcas de um corpo exterior sobre o corpo afetado. Deleuze ao se debruçar sobre o pensamento de Spinoza afirma que o filósofo não acreditava em uma ação à distância, a ação implicará sempre em um contato, a afecção será uma mistura de corpos. A *affectio* é uma mistura de dois corpos, um corpo que é dito agir sobre o outro, e o outro que vai abrigar a marca do primeiro. Toda mistura de corpo levará o nome de afecção. A afecção é o efeito de alguma coisa sobre o sujeito, as percepções são exemplos de afecções. No seio da afecção há um afeto. O afeto seria o processo de transição de um estado para o outro, é a passagem vivida, é alguma coisa que a afecção envolve. A passagem do estado anterior ao estado atual difere em natureza do estado anterior e do estado atual. Há uma singularidade da transição e é precisamente isto que se chama de duração, e o que Spinoza chama duração. A duração é a passagem vivida, a transição vivida. (DELEUZE, 2009.)

O que é o afeto? É a passagem. E essa passagem é necessariamente um aumento de potência ou uma diminuição de potência. Através das afecções não só a potência de agir do

⁶ Por fazer parte de edições diferentes, algumas referências ao filósofo Baruch Spinoza estão escritas das seguintes formas: Spinoza ou Espinosa.

afeto é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, mas também as ideias dessas afecções. Os afetos são as diminuições e os aumentos de potência vividos. Por exemplo, quando a potência de agir é aumentada surge o sentimento da alegria, quando diminuída, da tristeza. É a potência que define a força de um afeto. A potência de agir varia em função de causas exteriores. O afeto é uma ação quando o sujeito é a causa de uma dessas afecções, e uma paixão quando o indivíduo é afetado. A alegria é uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição maior e a tristeza uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição menor. Para Spinoza, o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, por corpos exteriores, por objetos, e cabe a cada ser humano julgar, de acordo com seu afeto, o que é bom e o que é mau. Tudo o que acontece no corpo humano deve ser percebido pela mente e todas as maneiras pelas quais um corpo é afetado seguem-se da natureza do corpo afetado e, simultaneamente, da natureza do corpo que o afeta. (SPINOZA, 2010).

É importante destacar que todo afeto é uma afecção, mas nem toda afecção é um afeto, ou seja, uma afecção é um afeto se tiver um impacto sobre a potência de agir de um corpo. O riso, o tremor, uma lágrima são afecções que remetem ao corpo sozinho, não precisa, necessariamente, de um corpo afetante que cause a mudança de estado, ou aumento/ diminuição da potência para se tornar de fato um afeto. Mas para existir um afeto, é preciso haver uma afecção.

Uma fotografia, por exemplo, pode afetar um sujeito de diversas maneiras, seja ao trazer uma boa recordação, seja uma má lembrança; um cachorro é afetado pela presença do dono ao abanar o rabo de alegria⁷, ou mordendo-o caso esteja com raiva. Nesse jogo de afetação nenhum dos dois corpos nem o que é afeta nem o que é afetado é passivo, tudo é interação. “A interação se torna comunicação.” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p.183).

Spinoza reconheceu a existência de apenas três afetos primitivos: a alegria, a tristeza e o desejo. Todos os outros afetos estão relacionados a esses três. Spinoza (2010) elenca o desejo como a essência do homem, é um afeto do ânimo, é o que conserva o ser, um modo de pensar como o amor também. O desejo ao produzir o real também produz o social. O desejo corresponde a todos os esforços, todos os impulsos, apetites e volições do homem, que variam de acordo com o seu alterável estado e que, não raramente, são a tal ponto opostos entre si que o homem é arrastado para todos os lados e não tem a noção para onde

⁷ “Os afetos dos animais chamados irracionais (pois, desde que conhecemos a origem da mente, não podemos, de maneira alguma, duvidar do fato de que os animais sentem) diferem dos afetos dos homens tanto quanto sua natureza difere da natureza humana. É verdade que tanto o cavalo quanto o homem são impelidos a procriar pelo desejo sexual, mas o primeiro por um desejo equino e o segundo por um desejo humano. Da mesma maneira, também os desejos sexuais e os apetites dos insetos, dos peixes e das aves devem diferir entre si.” (E III, prop.57, esc.) (SPINOZA, p.233, 2010).

se dirigir. Existem diferentes tipos de desejos. O desejo, assim como o amor, se origina no primeiro gênero de conhecimento (a opinião)⁸, pois, se alguém ouve dizer que uma coisa é boa, adquire o apetite e a atração por ela, tal como se vê em um enfermo que, só por ter ouvido dizer ao médico que ou qual remédio é bom para seu mal, imediatamente se sente inclinado ao remédio. O desejo consiste no apetite ou atração por obter aquilo do que se carece, pois, quando se goza de uma coisa, cessa o desejo dessa coisa. (ESPINOSA, 2012).

Desejo espalhado por toda a sociedade e mola propulsora do King Festival.

Afetações metodológicas

O King Festival, evento voltado para a música eletrônica, aconteceu nos dias 15 e 16 de novembro de 2013 na cidade de Recife/PE. Foi a primeira edição e contou com grandes atrações da música eletrônica conhecidas no cenário mundial. A edição de 2014 já foi confirmada, mas ainda não começaram as vendas de ingressos, nem divulgaram datas, muito menos os *dj's* que irão se apresentar no evento. O King Festival se firmou no cenário nacional depois do sucesso de público dessa edição. Vinte mil pessoas foram para o evento. Neste texto, há o segundo dia de etnografia no King Festival com os temas em questão: afetos, interações, música, máquinas. Há também depoimentos gravados *in loco* de dois rapazes que foram à festa e foram eleitos como atores da narrativa. Para guardar a identidade dos jovens, optou-se por chama-los de MD1 E MD2, a escolha dos termos é um jogo de palavras com o composto ativo do *ecstasy* que é o MDMA também conhecido como MD. O interesse era tentar desvendar que tipo de afetações eles sofriam. Quais eram as afecções? Como a música e a droga afetam este corpo? Nada melhor do que extrair estes depoimentos durante a festa, com o evento acontecendo, e nada melhor que gravações *in loco*.

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de doutorado em ciências sociais ainda em andamento cujo objetivo central é entender como acontece e são experienciadas as trocas afetivas nas festas de música eletrônica em três cidades do Brasil: Natal, Recife e Florianópolis. A justificativa pela escolha das cidades está no fato de que Natal é uma cidade que já tem quase 20 anos de festas de música eletrônica no seu histórico, é o local de

⁸ Para Spinoza existem três gêneros do conhecimento: o primeiro corresponde às ideias inadequadas, às ideias confusas, à opinião ou à imaginação, são os afetos-paixões que derivam de ideias inadequadas, é a única causa de falsidade; o segundo gênero é o conhecimento das relações que compõe o sujeito e que compõe as outras coisas, é o conhecimento adequado porque é comum a todas as coisas e existe igualmente na parte e no todo, são ideias ou noções comuns a todos os homens; o terceiro gênero é o conhecimento das essências, vai além das relações, e alcança a essência que se exprime nas relações, assim como o segundo gênero, o terceiro gênero também é verdadeiro e adequado. Os gêneros de conhecimento são modos de existência, maneiras de viver. (DELEUZE, 2009).

onde falo; Recife recebe os maiores eventos de música eletrônica no Nordeste, é a maior referência da região; Florianópolis é considerada a capital da música eletrônica do país, lá é onde reside o Green Valley, clube noturno eleito pela DJMAG⁹ no ano de 2013 como o melhor do mundo. O intuito é construir um panorama sobre as trocas afetivas dessas festas.

A pesquisa de doutorado faz uso das seguintes técnicas de investigação: observação etnográfica participante, cujo objetivo é ser afetado pelo fenômeno. Também foi utilizado: auto-registro *in loco* de depoimentos, no qual os personagens/ participantes gravam o momento de preparação para a festa, o durante e o depois, os personagens da festa são alguns frequentadores desse tipo de evento, serão no total de cinco pessoas cujo objetivo será relatar quais são as afecções e afetações que a festa provoca; registro fotográfico nos locais de fluxo; entrevista narrativa com as pessoas que gravaram os depoimentos, cujo intuito seria detalhar e refletir sobre algumas questões que possam vir a aparecer.

As gravações que foram realizadas pelos personagens alguns dias depois do festival possibilitaram maior esclarecimento sobre a festa em si. Foram depoimentos entre cinco a dez minutos cada um em que MD1 e MD2 fizeram um balanço geral sobre o que foi o King Festival. Nesse momento, eles não estão sob efeito de nenhuma substância, portanto, podem ter uma visão mais racional sobre o evento. As opiniões nas entrevistas foram mais claras, não foram mencionadas questões relativas ao uso de drogas, percepção do corpo ou coisas do tipo. Nas gravações durante o festival a questão das substâncias ilícitas é mencionada em praticamente todas as entradas¹⁰ ao banheiro químico, os personagens falavam o que sentiam, suas vontades, afecções, desejos. É notável, inclusive na forma da fala com respiração ofegante em alguns momentos, a afetação dos corpos pelo calor do momento.

Afetação – (s.f) # Etim.: do lat. *affectatio*, desejo ardente, afetação, paixão, pretensão a, busca, procura, tendência a ou para imitação afetada.

É o ato ou efeito de afetar(-se), exageração de emoções e sentimentos. A afetação mútua entre pessoas pode transformar-se em interação.

Este artigo conta com um dia de etnografia no King Festival em Recife.

Desejados maquinados no King Festival

Chegou o segundo dia de festival e todos estavam prontos, com bastante energia reservada para dançar com as atrações da noite. A espera maior era por Steve Angello, ex-

⁹ Revista inglesa especializada em EDM – *Electronic Dance Music*. Circula em vários países como França, Alemanha, Itália, Inglaterra, Brasil, Holanda etc.

¹⁰ MD1 realizou oito entradas e MD2 seis entradas.

integrante do grupo Swedish House Mafia, trio sueco de *dj's*. Naquela noite também estavam confirmados Afrojack, *dj* holândes que ocupou o nono lugar no *ranking* dos melhores do mundo no ano de 2013; Infected Mushroom de Israel. Entre as atrações nacionais, André Pulse, Chrizz Luvly, Jorge Junior, Tiago De Renoir e Wehbba.

Eis um pouco das primeiras impressões de MD1 e MD2:

Cheguei aqui no King Festival. Estou tomando minha cerveja, aquecendo para tomar as duas balas da noite, trovão roxo, acho que é esse o nome da bala. Estou empolgado porque ontem foi incrível, foi uma bala e meia, a música foi sensacional. Hoje eu só espero que supere todas as expectativas, principalmente em relação aos *dj's* internacionais que vão tocar hoje: Afrojack, Steve Agello, Infected Mushroom, que eu já conheço e gosto, mas deve vir coisa nova por ai. Por enquanto aqui está vazio, tem pouca gente. É isso, mais tarde eu retomo para ver se mudou alguma coisa. (MD1)

Sábado, segundo dia do King Festival, chegando agora, *dj* Wehbba tocando. Então... beber pra cacete, esperar começar a tocar Steve Angello que é uma das principais atrações da noite, que eu estou esperando, garrafa de vodka comprada, meia noite começar a tomar as drogas, as balas e pronto. Até daqui a pouco. (MD2)

Já passava das 9 horas da noite quando entramos no King Festival. Um *dj* brasileiro estava no comando das *pick-ups*, Wehbba, o som era leve com batidas mais suaves, *tech house*¹¹. Naquele dia havia menos adolescentes que no dia anterior, jovens entre 20 e 30 anos compunham a maioria dos participantes.

Estava perto da meia noite quando é anunciada a entrada de Steve Angello. MD2 e MD1 correram para o banheiro para tomar a primeira bala da noite. Os fogos de artifícios anunciaram a entrada de Steve, as pessoas gritavam, pulavam e dançavam desmesuradamente, a música era o estímulo certo para aquele corpo social alimentado por batidas eletrônicas. Durante sua apresentação, clássicos dos anos 1980 como *Sweet Dreams* da banda Eurythmics; dos anos 1990 como *Missing* do *duo* britânico Everything But the Girl e ainda músicas quando Steve fazia parte do Swedish House Mafia, *remixes* de outros *dj's* como também produções próprias. Durante o *set* de Steve Angello, MD1 e MD2 em uma das gravações no banheiro diz:

Começou Steve Angello, tomei a primeira bala, está me dando um pouco de azia, o que é normal, o som começou bem, faltou luzzzz (sic), mas

¹¹ Sub- gênero da *house music*. Originado da mistura do *techno* com o *house*.

vamos ver o que é que vai rolar. Tá sentindo o grave? É a potência do bofe. (MD1).

Steve Angello está tocando agora, a música está foda pra caralho, deu um pequeno problema no começo do *set* dele. Já tomei meia bala, cheirei duas carreiras de K. Eu não sei mais qual o número dessa gravação, alguém acabou de abrir a porta. Eu quando sai de casa disse que não ia pegar ninguém hoje. Já beijei um e o segundo que eu ia beijar, me beijou, acabou me chupando até, gozei na boca dele. Ainda meia bala, Steve Angello ainda está tocando, eu tou (sic) suando pra caralho, eu tou (sic) louco. (MD2)

A apresentação de Steve Angello manteve o público a maior parte do tempo pulando e dançando, a maioria das pessoas não parava. MD1 foi para o lado da caixa de som e quase não encontrava lugar. O público queria sentir aquele som contagiante ao máximo, tinha um garoto ao lado de MD1 com a camisa ensopada de suor, ele não diminuía o ritmo de sua dança. Colado na caixa de som parecia que só existia ele e a caixa. MD1 sorria e o rapaz também parecia que ambos estavam sentindo a mesma coisa. Nada foi dito, o corpo falava por si só, era o maior instrumento de comunicação.

Neste momento, Steve Angello colocou a música *Sweet Disposition* da banda The Temper Trap na sua versão *remixada*. MD1 e MD2 dançavam loucamente próximos a caixa de som. Eles não conseguiam dominar seus corpos. As pessoas ao redor estavam na mesma situação: escravos daquele som. Perto do banheiro, localizado no final da pista, as pessoas também dançavam e pulavam, descontroladas, no banheiro rapazes dançavam na fila. O contágio sonoro era em todo o festival. O dono da noite era de fato Steve Angello, sua música afetava o público de forma positiva que respondia a sua apresentação com gritos, danças e pulos. O *dj* batia palmas, falava às vezes com o público, a interação entre *dj*/pista e pista/*dj* era plena. Pura experimentação era visualizada e sentida naquela pista, experimentação atravessada de intensidades sonoras, máquinicas.

Nas festas de música eletrônica o corpo individual/coletivo experimenta, dança, afeta, é afetado, desejado e deseja. É um corpo preenchido e movido por intensidades: sonoras, máquinicas, químicas, tecnológicas e afetivas. Os corpos dançantes afetam-se entre si e criam um jogo de afetação em que cada um se enxerga no outro e respondem também a maquinismos tecnológicos emitidos pela música eletrônica. Talvez uma música que não fosse partida, computadorizada, binária não tivesse os mesmos efeitos sobre esses corpos que são produtos de uma sociedade e cultura tecnologizada.

Félix Guattari (1988) afirma que o inconsciente humano é maquinico, opera como máquina, assim como tudo ao redor do sujeito, são tão somente máquinas. Máquinas

desejantes, que afetam e são afetadas. Esse inconsciente está derramado em tudo ao redor, trabalha no interior dos indivíduos, no viver dos corpos, na família, no sexo, no bairro, na escola, nas universidades, nas festas... Sujeito e máquina estão imbricados um no outro. Entra uma parte de subjetividade no seio de todo agenciamento material. E, reciprocamente, entra uma parte de sujeição maquínica no seio de todo agenciamento subjetivo. Nas festas de música eletrônica pode-se falar que há uma consonância de ordem tecnológica entre máquinas-músicas e máquinas-corpos mediados por afetos, pois o corpo humano é um pouco *cyborg* também.

Máquina – (s.f) # Etim.: do lat. *machina*, qualquer utensílio ou instrumento; deriv. do gr. dór. *machana*, meio engenhoso para conseguir um fim.

É um sistema de cortes. A máquina está relacionada com um fluxo material contínuo que ela corta. A produção do corte de fluxo só acontece se a máquina estiver conectada com outra. Sob essa perspectiva de fluxos e cortes, a definição de máquina extrapola o entendimento de máquina apenas como aparelho industrial/tecnológico. O corpo humano pode ser considerado também uma máquina, a boca que corta o fluxo de leite; o nariz que corta o fluxo de ar; o ouvido, o fluxo sonoro; o pênis e a vagina que controlam o fluxo de urina. Um ser físico que realiza trabalho, efetuando transformações e produções.

Edgar Morin (2008) caminha na mesma direção que Guattari ao afirmar que os indivíduos são seres-máquinas. Como seres físicos, os homens comportam trabalho, transformação e produção, e, nesse sentido, podem ser compreendidos como máquinas. Pode-se conceber o ser vivo, do unicelular ao animal e ao homem, simultaneamente como motor térmico e como máquina química, produzindo todos os materiais, todos os complexos, todos os órgãos, todos os dispositivos, todas as performances, todas as emergências da vida. O ser vivo deve ser entendido como a mais perfeita das máquinas cibernéticas e inclusive o mais perfeito autômato, pois ultrapassa em complexidade, perfeição e eficiência, até a menor das bactérias, a mais moderna das usinas automáticas. É preciso compreender a vida como complexo polimaquinal.

Há máquinas humanas, sociais, técnicas. A máquina técnica implica um elemento não-humano, que amplifica, prolonga a força do homem, máquina humana. A máquina social tem os homens como peças e os integra, interioriza-os num modelo institucional que abrange todos os níveis da ação, da transmissão e da motricidade. E ela também forma uma memória sem a qual não haveria sinergia entre o homem e suas máquinas técnicas. Uma mesma máquina pode ser técnica e social, mas não sob o mesmo prisma: o relógio, por

exemplo, como máquina técnica serve para medir o tempo uniforme e, como máquina social, ele serve para reproduzir as horas sagradas, assegurar a ordem na cidade e acionar todo um fluir simbólico, ao representar *status*, procedência, gênero etc. Há também as máquinas desejantes que atravessam toda a sociedade, são os elementos microinconsciente, elas funcionam também nas máquinas sociais. A máquina é desejante e o desejo é maquinado. (DELEUZE & GUATTARI, 2010). No dia 16 de novembro, ao final da apresentação de Steve Angello parecia ter sido esse desejo maquinado que conectou aquelas pessoas naquela noite.

Steve Angello acabou de tocar, foi alucinante, indescritível, músicas clichês, incríveis, tocadas pelo original. Meu corpo tá (sic) flutuando, eu tou (sic) leve feito uma pluma, saltitando feito uma gazela, eu tou (sic) louco, tou (sic) no banheiro chupando um pirulito, fazendo xixi, vou pegar uma cerveja agora e vou ouvir Infected que vai entrar. Vamos ver o que eles vão apresentar para a gente. (MD1).

Septuagésima, nona, oitava entrada. Foda-se o número, tou (sic) bebo (sic) pra caraaaalho (sic). Acabou de tocar Steve Angello, foda, foda, foda. Começou Infected Mushroom com um som *live* muito fudido. Tomei um bocado de vodka, meia bala, tou (sic) procurando mais uma para fazer duas e meia hoje, mas até agora só tenho uma bala e meia, ok. (MD2).

MD1 e MD2 não estavam muito empolgados ao som de Infected Mushroom. .
Durante o *set* de Infected, MD2:

- Infected Mushroom tocando ainda, tá foda pra caralho. Caralho, eu tou (sic) muito bêbado, muito, muito bêbado. Já peguei dois essa noite.

Nesse momento, MD1 diz que vai ao banheiro gravar suas impressões sobre a festa e sobre tudo aquilo que havia vivenciado. Quando MD1 retorna continua dançando mais sem muita empolgação, a intenção era guardar o resto de energia para o fim do evento que iria encerrar com o *dj* Afrojack, grande nome da *house music* mundial, que estava previsto para entrar as 5:30 da manhã. Ao final de Infected MD1 revela sua impressão:

Infected acabou, eu não gostei, baixou um pouco minha agitação, mas o efeito da bala ainda está rolando, eu tou (sic) sentindo uma coceirinha no cérebro, tou (sic) curtindo. Quem tá (sic) tocando agora é Chrizz Luvly, um som bem comercial, bem boate hetero, mas que é legal, dá para curtir, tá (sic) retomando minha energia, tá (sic) voltando, tou (sic) sentindo um calafrio no corpo, enfim, tou (sic) adorando... vamos ver, quando Afrojack entrar não quero nem saber. (MD1)

Infected acabou e outros *dj's* entraram, mas a grande espera naquele momento era por Afrojack, já se aproximava das cinco da manhã, o *set* de Dr. Elektroluv estava chegando ao fim quando MD1 resolveu tomar a última bala.

Eu tou (sic) louco, meu namorado tá (sic) louco em casa, vomitando, passando mal, fiquei preocupado, mas isso não vai me afetar. Eu só quero curtir esse último *dj* maravilhoso que eu venho esperando a tanto tempo. Enfim, a bala vai começar a bater daqui a pouco, a sensação de leveza vai voltar, eu vou flutuar, vou bater cabelo, vou fechar, vou dançar. (MD1).

Depois de Dr. Elektroluv, entrou um *dj* que não estava previsto no *line-up* oficial, ALVAA, *dj* local. Já estava amanhecendo e até aquele momento nada de Afrojack. O som do pernambucano era bom e ele parecia que estava preparando a pista para o encerramento da noite.

Por volta das 7 horas da manhã, muita gente já tinha ido embora, mas Afrojack estava vindo, o *dj* já estava em terras pernambucanas. Perto da caixa de som, MD1 pulava como se não houvesse amanhã, Afrojack acabara de entrar. A bala tinha começado a fazer efeito nele. MD2 estava sentado perto da caixa de som, com uma cara de destruído, já passava das 7 horas da manhã e ele estava muito cansado, mas as pessoas ao seu redor pareciam que não.

A dança agora era imperativa para grande maioria, os que estavam ali até aquele momento esperando por Afrojack queriam sentir aquele som, ser afetado por ele, alguns grupos de pessoas formavam rodas e dançavam em conjunto fazendo passos em sincronia, outros pulavam também, uns abraçados, alguns sozinhos.

Durante o *set* de Afrojack via pulos se misturarem com passos de dança, cada um respondia aos estímulos da música da maneira que melhor conviesse. Um corpo numa pista de dança, ao sofrer a ação da música eletrônica, realiza alguns passos que podem ser imitados até de forma mimética por outro participante, e em alguns momentos, se espalha para todos os sujeitos de maneira contagiante. Tudo isso acaba por construir um cenário em que participantes se enxergam uns nos outros.

A interação dos grupos e entre as pessoas numa pista de dança é um processo de comunicação e também de transferência, invocando a imagem de algo que pode ser transferido de forma intacta da mente de uma pessoa para outra. O que se via era uma pista completamente afetada: a música afetava corpos que dançavam, que afetavam outros corpos, que afetavam o *dj*, que afetavam os corpos por meio da música. O círculo de afetação era criado.

Interação – (s.f) # Etim.: do lat. *inter-* (entre, no meio de) + *ação* (atuação, ato, feito, obra).

Influência conjunta de órgãos ou organismos inter-relacionados. A interação pode ocorrer de uma pessoa consigo mesma: por exemplo, um indivíduo sozinho no seu escritório, trabalhando na resolução de um problema, falando consigo mesmo ou pensando em voz alta é considerado um processo de interação do *ego* consigo mesmo.

A interação social corresponde ao conjunto das ações e relações entre os indivíduos de um grupo ou entre grupos de uma comunidade. A influência recíproca entre pessoas ou entre grupos se dá por meio da comunicação. A interação social é baseada em comunicação, se há interação tem comunicação.

Quando Spinoza fala de corpo ele não se refere apenas ao corpo humano, pode ser um corpo social, um corpo sonoro, uma ideia, e no caso das festas de música eletrônica é notável uma afetação entre corpos humanos/ sonoros, sonoros/humanos, humanos/humanos na criação de um corpo social.

Durante o *set* de Afrojack, o dispêndio de energia, dominava aquele corpo social. Eis que Afrojack solta seu mais novo *remix*, *Young and Beautiful* música da cantora Lana del Rey. Um rapaz abriu os braços, fechou os olhos e se encostou na caixa de som. MD1 fez a mesma coisa. MD1 abraçou o rapaz e começaram a dançar juntos, sem se importar com ninguém, nem com olhares. Já era quase 9 horas da manhã, e as pessoas ao redor não paravam de dançar freneticamente, não havia mais espaço próximo da caixa de som. Afrojack se despediu de todos e encerrou seu *set* com uma música bem conhecida da maioria *Can't stop me*.

Os afetos na contemporaneidade talvez estejam formando diferentes relações e interações. As relações não são apenas entre humanos, as interações não são exclusivamente sociais. São máquinas, sonoras, tecnológicas também. Toda essa busca por sensações, o descontrole, o dispêndio, a fascinação tecnológica seria impossível se não fosse o poder dos afetos sobre o corpo. A afetação de um corpo pode gerar não só o dispêndio, mas também o descontrole. As festas de música eletrônica nesse contexto funcionam como fractais que por meio deles é possível enxergar a força e expressão dos afetos e da tecnologia na sociedade e cultura contemporânea.

REFERÊNCIAS

BAITELLO JR, Norval. **O animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BATAILLE, Georges. **A parte maldita**. Lisboa: Fim de século – Edições, 2005.

BAUER, Martin; GASKELL, George. (org.). **Pesquisa qualitativa com textos, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)**. Fortaleza: EDUECE, 2009.

_____.; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

ESPINOSA, Baruch de. **Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

GUATTARI, Félix. **O inconsciente maquínico – ensaios de esquizo-análise**. Campinas, SP: Papirus, 1988.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. **Cadernos de Campo**, São Paulo, ano 14, n.13, p. 155-161, 2005.

FRITZ, Jimi. **Rave culture – an insider’s overview**. Canada: SmallFry Press, 1999.

HOUAISS, Antonio. VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos – o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MORIN, Edgar. **A via – para o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

_____. **O método 1 – a natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

NEVES, Thiago T. **Batidas intensas: corpo e sociabilidade nas festas de música eletrônica em Natal**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Natal, 2010.

SAUNDERS, Nicholas. **Ecstasy e a cultura dance**. São Paulo: Publisher Brasil, 1996.

SOUZA, Cláudio Manoel Duarte de. **Sobre a cultura da música eletrônica e cibercultura**. Disponível em: <www.pragatecno.com.br>. Acesso em: 7 jan. 2009.

SPINOZA. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SYLVAN, Robin. **Trance formation – the spiritual and religious dimensions of global rave culture**. New York: Routledge, 2005.